

**ENSAIO SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CONTO LITERÁRIO
“OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN THE LITERARY “OLHOS D’ÁGUA”, BY
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Amanda Palomo Alves¹

Lilium Cristina e Souza²

RESUMO

Ao reinventar a vida com palavras, Conceição Evaristo constrói textos literários e poéticos repletos de significado em um processo de criação a partir de vivências particulares e históricas. Além de trazer para o centro da cena personagens negras, suas obras literárias denunciam o sofrimento psíquico das mulheres afro-brasileiras relacionado a questões como a desigualdade e o preconceito. A proposta deste artigo é tecer diálogos teóricos por meio dos elementos culturais afro-brasileiros identificados no conto literário “*Olhos d’água*”, escrito por Evaristo como estratégia de subversão e resistência ao lugar de subalternidade e opressão imposto às mulheres negras na sociedade brasileira.

Palavras-chave: “*Olhos d’água*”, Conceição Evaristo, Cultura Afro-brasileira, Mulheres Negras.

ABSTRACT

Reinventing life with words, Conceição Evaristo composes literary and poetic works full of meaning in a creation process centered on private and historical events. Besides bringing black women characters to the center of the scene, her literary works denounce the psychological suffering of Afro-Brazilian women related to issues such as inequality and prejudice. This article is aimed at weaving theoretical dialogues through the Afro-Brazilian cultural elements present in the literary work *Olhos d’água*, written by Evaristo as a way of subverting and resisting to the place of subalternity and oppression imposed on black women in Brazilian society.

Key words: “*Olhos d’água*”, Conceição Evaristo, Afro-Brazilian Culture, Black Women.

Introdução

Ao reinventar a vida com palavras, Conceição Evaristo constrói textos literários e poéticos repletos de significado em um processo de criação a partir de vivências particulares e históricas. Sua escrita vem do lugar de quem já experienciou a exclusão e que busca, no exercício da literatura, um caminho criativo de insubmissão, de indagação do contexto social, de inventar a vida, de apresentar denúncias e discordâncias da realidade. Portanto, a escrita de Conceição Evaristo revela a perspectiva subjetiva da mulher negra na sociedade brasileira, que narra e registra suas experiências de vida, na disputa pelo seu direito de criar e contar histórias (EVARISTO, 2020a).

O fazer literário de Conceição Evaristo nasce da experiência da coletividade negra brasileira transformada em textos ficcionais, cujo discurso pode cobrir as lacunas deixadas no silenciamento da história negra pela ciência (EVARISTO, 2020a). Para a autora, escrever é reivindicar uma posição de dignidade no presente, afirmando e celebrando a identidade afro-brasileira, superando, através da literatura, certos estigmas, sobretudo àqueles direcionados à mulher negra (EVARISTO, 2020b). Embora tal “escrevivência”¹ esteja marcada pelo lugar subjetivo e histórico dos negros e negras no Brasil, a escrita literária de Conceição Evaristo abarca diferentes pessoas, pois contempla um aspecto comum a todos nós: a humanidade de quem experiencia a solidão ou o desejo do encontro, sentimentos de “personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida” (EVARISTO, 2020c, p. 31).

Outra característica da escrita de Evaristo Conceição é a intencional aproximação do texto à oralidade - estética que contempla o dinamismo presente na linguagem do povo (EVARISTO, 2020c). Como sabemos, a tradição da oralidade é um atributo marcante da cultura africana e afro-brasileira. São histórias, contos, músicas e sabedorias narradas por gerações (HAMPATÉ BÂ, 2010), herança essa, presente e transcrita nos livros da autora. Além de trazer para o centro da cena personagens negras e negros, maiormente mulheres, suas obras literárias retratam questões da desigualdade

¹ Conceito fundamental para a compreensão da obra literária de Conceição Evaristo. Nos debruçaremos sobre ele adiante.

e do preconceito pertinentes ao cotidiano da população afro-brasileira como: pobreza, exclusão, discriminação racial, violência urbana (GOMES, 2021). Contudo, a sensibilidade de seus textos está no contorno das personagens diante da dura realidade de sofrimento, o reinventar da vida, a esperança, a alegria, os valores ancestrais e a criação de formas de sobrevivência.

“*Olhos d’água*” é um conto que nomeia o livro literário de Conceição Evaristo, publicado em 2014, e que reúne outros contos compostos por narrativas curtas. Nessa direção, a proposta deste artigo é tecer diálogos teóricos por meio dos elementos culturais afro-brasileiros² identificados no conto “*Olhos d’água*”, da referida autora. Para mais, o presente estudo buscou identificar as estratégias de subversão e resistência ao lugar de subalternidade e opressão imposto a mulher negra na sociedade brasileira.

Para a escrita do texto nos valem – teórico-metodologicamente - da Análise do Discurso com base no pensamento de Careganato e Mutti, que informam: “O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais não verbais” (CAREGANATO; MUTTI, 2006, p. 680). Conforme as autoras, a análise do discurso avalia o sentido constituído na formulação entre: materialidade histórica, linguagem, contexto social, sujeito e coletividade. Assim, por meio da interpretação discursiva do conto “*Olhos d’água*”, foi constatado dois eixos temáticos principais: A Memória de Nós e O Lugar de Escrita das Mulheres Negras, que nos debruçaremos a seguir.

Memória de nós

O conto “*Olhos d’água*” retrata a ambiência familiar por meio da relação de uma mãe com as suas filhas. A partir da análise do conto identificamos elementos da cultura

² Julgamos importante destacar que nos alinhamos às ideias que concebem o conceito de cultura afro-brasileira em sua historicidade. Com o passar do tempo, e a partir das lutas e reivindicações do movimento negro no Brasil, os lugares simbólicos da cultura afro-brasileira são ampliados. Para além de seu caráter dinâmico, a cultura afro-brasileira passa a ser definida enquanto um “conjunto de práticas que articulam memórias de experiências vividas no continente africano adaptadas às expectativas de vida e dignidade humanas construídas pelos africanos e seus descendentes no Brasil” (GOMES, 2013, p. 171).

africana transportadas para o Brasil com repletos marcos da memória cultural negra, vivida por intermédio do relato da filha sobre a cor dos olhos da sua mãe. O texto se inicia com o seguinte questionamento da filha: “De que cor eram os olhos da minha mãe?” (EVARISTO, 2021b, p.15). Então, a narradora evoca diversas lembranças familiares a fim de responder a indagação e tais memórias resgatam as suas vivências da infância com sua mãe e irmãs.

As recordações descritas partem da relação afetiva entre a família e o desejo da personagem em saber a cor dos olhos de sua mãe. Nessa perspectiva, a reconstrução do passado ocorre em função dos interesses (afeto, motivação e sentimento) do sujeito no presente (SÁ, 2007). As lembranças restauradas pela narradora, a filha mais velha, são cenas que se constituem nesse contexto familiar com a presença da mãe e outras seis irmãs. Entendemos que o ato de rememorar, apresentado no conto “*Olhos d’água*”, pode ser interpretado através dos objetos narrados na cena, que representam componentes simbólicos e biográficos de representação de experiências passadas (BOSI, 1995). Ao memorar as histórias de sua infância, a personagem detalha as brincadeiras vividas com a sua mãe:

Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo (EVARISTO, 2021b, p.17).

O banquinho de madeira e as flores são objetos simbólicos que ancoram as lembranças da personagem ao retratar os significados construídos, através deles, em seu núcleo familiar. O banquinho representa o trono, as flores são adornos da Rainha Mãe. Esses objetos remontam à brincadeira favorita das crianças inventada pela mãe na finalidade de distrair as filhas e, assim, enfrentarem os dias de fome. A mãe, descrita no conto, possui sua identidade caracterizada por meio da sua força ao resistir e reinventar a vida nos tempos de escassez e sofrimento, criando meios de sobreviver à fome.

Outro componente de apoio para a memória, identificado no conto literário, são as referências do local em que moravam. No conto “*Olhos d’água*” as lembranças

reconstituídas estão descritas no lugar em que mãe e as filhas viviam, o barraco. À vista disso, a narradora evoca suas memórias: “Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta, ela sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu” (EVARISTO, 2021b, p.17). As lembranças narradas nesse lugar, a soleira da porta, mãe e filha apreciavam as nuvens no céu, algumas eram nuvens de algodão doce, colhidas do céu pela mãe e repartida com as filhas rapidamente, antes que derretessem (EVARISTO, 2021b).

Adiante, a narradora rememora a dor relacionada aos dias de fortes chuvas no barraco, em que a mãe se agarrava às filhas para lhes oferecer proteção e com “olhos alagados de pranto balbuciava reza à Santa Bárbara” (EVARISTO, 2021b, p.17). Sobre isso, cumpre destacarmos que devido a repressão do Estado brasileiro às religiões de matrizes africanas, muitos afro-brasileiros foram obrigados a cultuarem secretamente suas divindades, “quando rezavam à Santa Bárbara estavam cultuando Iansã, (...) uma entidade feminina, objetivando proteção” (SOUSA; FREITAS, 2018, p. 210).

A partir de suas lembranças, a narradora apresenta aspectos constitutivos de sua identidade, pois o passado pode fundamentar uma tradição que conecta o indivíduo a uma herança cultural (MASSOLA; SVARTAN, 2018). Tal atributo da memória está presente no conto, quando a filha relembra o valor de sua mãe e tias em sua vida:

Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas das minhas tias e de todas as mulheres da minha família. E também já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2021b, p. 18).

Neste fragmento textual acerca do passado, pode-se depreender a força da cultura afro-diaspórica no Brasil. Como brevemente mencionamos, a partir de Hampatê Bá (2010), a herança da cultura ancestral africana também é propagada de forma oral, e essa vivência e aprendizado, presentes na vida das mães, avós e filhas na forma de saberes e cantos, são conservados no interior das vivências familiares e tornam-se táticas de sobrevivência ensinadas e aprendidas pelos povos da diáspora africana (EVARISTO, 2020b).

Após a narradora descrever suas lembranças do passado, outro aspecto da memória é desvelado através do conto, afinal, rememorar não é um ato passivo ou nostálgico, mas sim, de movimento. A memória nos move, “vitaliza o passado, expõe suas heranças e faz que nos posicionemos no presente a partir delas” (MORTADA, 2022, p.3). Com presteza, para descobrir os olhos de sua mãe a personagem decide retornar à cidade que nasceu para buscar o rosto de sua mãe e fixar seus olhos no dela (EVARISTO, 2021b).

Deste modo, “a memória deixa aqui de ter um caráter de restauração do passado e passa a ser uma memória geradora de futuro” (BOSI, 2012, p.198), representado na ação da narradora em ir ao encontro de sua mãe. No reencontro, ambas se abraçam e suas lágrimas se misturam como um rio. No conto, a filha interpreta que os olhos de sua mãe “são rios caudalosos sobre a face” (EVARISTO, 2021b, p.18). A partir deste trecho, não podemos deixar de mencionar que a cultura africana traduzida na diáspora compreende:

A importância que a água possui como elemento vital, relacionado à própria vida(...), água e vida, ancestralidade e descendência se misturam em um contínuo vai e vem de possibilidades, cujo simbolismo encontra-se revelado nas águas límpidas dos rios e córregos (MANDARINO; GOMBERG, 2009, p.146-148).

Em consoante com MANDARINO (2009), os elementos estruturantes da cosmovisão africana estão baseados na natureza: “A água, na tradição dos orixás, está relacionada com toda a nossa experiência de vida, já que desde o útero de nossas mães vivemos a água” (NETO, 2020, p.114). Nessa ótica, a relação da mulher afro-brasileira com a natureza representa a ligação com sua terra de origem, condição fundamental para a existência (MANDARINO; GOMBERG, 2009).

O desejo da personagem em retornar à cidade natal para mirar nos olhos de sua mãe possui o significado do retorno à sua ancestralidade, um ritual de cura espiritual e de alma e de retorno ao passado para resgatar o que se esqueceu. A narradora tinha a intenção de reconhecer a cor dos olhos de sua mãe, mas seu regresso implica em um

caminho para o conhecimento de si, através da volta aos seus. Sobre isso, vale comentarmos:

O retorno ao passado, para os afrodescendentes, é uma tentativa de se recosturar a tessitura de suas identidades afrodiaspóricas. É uma volta necessária para entender-se e situar-se no mundo a partir de uma árvore genealógica, que tem como raiz o continente africano e todas as suas manifestações afrodiaspóricas, resultantes dos deslocamentos (SOUSA; FREITAS, 2018, p. 206).

Por conseguinte, a cena do encontro é detalhada pela narradora: “Abraçei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas dela se misturarem às minhas” (EVARISTO, 2021b, p.19). As lágrimas de mãe e filha se fundem em um rio, remetendo ao mito afro-brasileiro sobre as divindades femininas, Oxúm e Iemanjá, como destacam Mandarinó e Gomberg:

[...] Ocorrendo então seu desdobramento nas diversas figuras das divindades femininas(...), pois todas as Mães (divindades femininas) serão transformadas em rios (...). Ao transformá-las em rios – Rio Oxum, Rio Oiá, Rio Euá, Rio Oba – de águas límpidas e transparentes, onde se colhe o alimento e se mata a sede, um poder que as tornam auto-suficientes (MANDARINÓ; GOMBERG, 2009, p.147).

A cena do encontro de mãe e filha possui diversos elementos da mitologia afro-brasileira, referenciados na divindade feminina Oxúm retratada na visão maternal, de doação, solidariedade, preservadora da vida, a que cria, cuida e oferece proteção. As narrativas culturais, de origem africana e afro-brasileira, são utilizadas por Conceição Evaristo como suporte para a escrita da literatura (EVARISTO, 2022). Por isso, a autora destaca que as narrativas míticas africanas oferecem o aparato teórico necessário para a compreensão dos sentidos de sua escrita (EVARISTO, 2020c).

Ao findar o conto, a filha agora é mãe, ela se refere ao tempo presente e descreve a brincadeira que realiza com sua menina: “Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra” (EVARISTO, 2021b, p. 19). A brincadeira pode ser interpretada a partir do pensamento mítico acerca do espelho de Oxúm. Tal representação é alcançada quando o sujeito negro se contempla e reconhece a sua

grandeza, potência, identidade e dignidade (EVARISTO, 2022). Em outras palavras, “encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto” (EVARISTO, 2020c, p. 39). Em suas últimas linhas, o conto se encerra com a narradora escutando o sussurro da filha que diz: — Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2021b, p.17).

O lugar da escrita das mulheres negras

O premiado livro “*Olhos d’água*” trouxe visibilidade à atuação de Conceição Evaristo no movimento afirmativo do lugar da escrita de mulheres negras no Brasil. Criado pela autora, o termo “escrevivência” compreende esse movimento através do seguinte significado: ato de escrita das mulheres negras como ação de apropriação dos signos gráficos, valorizando o registro das experiências do cotidiano e fazendo da palavra artifício para responder a vida (NUNES, 2020; EVARISTO, 2017; 2020c). Nas palavras da autora, “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020c, p.30), e complementa:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (EVARISTO, 2020c, p. 35).

Logo, a escrita das mulheres negras é um ato político, de resistência e denúncia aos problemas enfrentados pela comunidade negra de uma determinada época. Essa escrita demonstra um lugar de inquietude diante da realidade, esse lugar não é apenas do indivíduo, mas está conferido a um grupo social. No entender de Evaristo (2020c) mesmo que o texto seja ficcional, as palavras carregam as marcas subjetivas de quem escreveu, mesmo que o ato da escrita ocorra com o sujeito escrevendo a si próprio, a escrita sempre se amplia, não se esgota em si, pois “abarca a história de uma coletividade” (EVARISTO, 2020c, p.35).

A escrita literária de mulheres negras apresenta o discurso afirmativo acerca de sua identidade étnica. Para Conceição Evaristo (2022b) “escrever” sobre a identidade negra é declarar com orgulho nossa afro-brasilidade, é reivindicar as nossas origens africanas, é reconhecer que os povos africanos, aqui escravizados, construíram nossa nação. Além de colaborar na valorização das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras, a literatura de mulheres negras apresenta a denúncia elaborada sobre o racismo estrutural na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019).

Conceição Evaristo (2022b) alerta que todas as instituições brasileiras são racistas: a igreja, os espaços de lazer da sociedade, a organização geográfica das grandes cidades, a polícia, etc. A violência brasileira tem sua base histórica na escravização dos povos africanos e na dizimação dos povos originários da terra, nos dias de hoje a violência possui formas aprimoradas de operar por meio das instituições, identificadas na sociedade pelas desigualdades e discriminação de classe, gênero e etnia (EVARISTO, 2022b). Acerca do curso da literatura escrita por afro-brasileiros, Sousa e Freitas (2018) declaram:

A literatura negra-brasileira (...) vem sendo escrita por diversas vozes que, através de uma relação entre temporalidades, territórios culturais e ancestralidades, (re)escrevem o cânone ao passo que são resgatadas, interpelando através de suas experiências e do outro, materialidade para uma literatura-verdade cada vez mais representativa, cujos limites ficcionais confundem-se com a autobiografia, como se percebe na literatura periférica de Carolina Maria de Jesus (SOUZA; FREITAS, 2018, p. 214).

Nessa mistura de literatura e vida, Conceição Evaristo possui influência do movimento emancipatório realizado “pelas mãos catadoras de papel, as de Carolina Maria de Jesus, que audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, inventaram para si um desconcertante papel de escritora” (EVARISTO, 2020b, p. 224). A escrita de Carolina Maria de Jesus retrata o lugar de sua visão crítica da cidade onde mora, a partir do cotidiano de miséria, fome e violência (LOPES, 2021). Para mais:

A narrativa de Carolina Maria de Jesus, escritora que inaugura, nos anos de 1960, a literatura periférica, é a mesma narrativa de negros e negras no Brasil do século XXI, situação que representa um total

descaso resultado da falta de políticas públicas, de segurança, de saúde e de uma representação igualitária, pautada no princípio da equidade, fatos esses que não fazem parte da história oficial do país ou da imagem que é vendida para a comunidade internacional (SOUSA; FREITAS, 2018, p. 208).

A escrita de Carolina Maria de Jesus não está apenas atrelada ao âmbito testemunhal, mas de trabalho intelectual que, a partir da literatura, cria dimensões críticas e políticas frente a mazelas sociais (MENDES; FREITAS, 2023). O lugar da escrita de mulheres negras sobre o dia a dia é afirmar através da arte o lugar da vida em meio ao sofrimento, é ressignificar sua identidade e o mundo ao redor, é o discurso de denúncia e resistência diante das injustiças sociais.

Conforme já mencionamos, a escrita de Conceição Evaristo possui a marca estética da oralidade, que contempla a valorização da diversidade linguística e cria expressões da linguagem em uma gramática do cotidiano (EVARISTO, 2018). Para Evaristo, essa característica é uma referência da longa tradição oral afro-brasileira, atribuindo às palavras do cotidiano o movimento dinâmico da vida, e complementa:

A procura por uma estética que se confunda com a oralidade faz parte de meu projeto literário, que é profundamente marcado pela minha subjetividade forjada ao longo da vida. Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo (EVARISTO, 2020c, p. 42).

Em estudos sobre a oralidade africana e afro-brasileira Bonvini (2001) destaca que “compartilhar tradições orais assegura a conservação das histórias dos costumes de um povo” (p. 37). Como vimos, a oralidade é uma “tradição viva” (HAMPATÊ BÂ, 2010) que permite a sobrevivência de um grupo na medida em que todos os membros contribuem para conservar uma prática comunitária. Então, a experiência cria raízes no espaço-tempo e forma a tradição, ou seja, permite ao sujeito de hoje orientar o seu futuro por intermédio de referências do passado que compõem a memória cultural negra (BONVINI, 2001).

Nas sociedades orais africanas, a função da memória é mais desenvolvida e experienciada através da forte “ligação entre o homem e a palavra” (HAMPATÊ BÂ,

2010, p.168). A memória viva africana reside na tradição oral, a palavra falada está vinculada a valores morais e sagrados, retida nas lembranças dos tradicionalistas e narradas a fim de que seus ouvintes se “tornem testemunhas vivas e ativas desse fato” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.208). Bâ constata que “não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e sua audiência” (p. 208). Por isso, “a memória africana registra toda a cena, o cenário, os personagens, suas falas, até os mínimos detalhes de suas roupas” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.208). Na perspectiva do intelectual, a reconstituição de todos esses elementos contribui para dar vida à história narrada.

A memória oral não está constituída na relação linear e antagônica entre o passado e presente, a memória oral é dinâmica e o diálogo geracional é ressignificado de modo constante através do encontro do passado no presente. Para Campos, “A oralidade é elemento basilar da representação coletiva e preservação histórica dos povos africanos e diaspóricos” (CAMPOS, 2023, p. 50). Ademais, como sublinha a autora (2023), após o processo de escravização de seus povos, a tradição africana salvaguardou elementos culturais identitários de suas culturas graças a preservação da memória oral.

No Brasil, por exemplo, a tradição oral está presente, herança africana repleta por saberes de todas as ordens, transmitidos através dos séculos e constituída em: “palavras, fórmulas, rituais, rezas, cantos, contos, provérbios” (BONVINI, 2001, p. 40). Os contos são representados pelos mitos afro-brasileiros que carregam a alma africana, meio pelo qual traduzem sua cosmovisão filosófica da vida e do sagrado. Nessa perspectiva, ao retomarmos a estética da oralidade em Conceição Evaristo, tal estilo faz, da palavra, arte representativa do povo afro-brasileiro e carrega, em suas linhas, saberes e práticas conservadas e transmitidas no interior de cada família por gerações.

O contexto da mulher negra brasileira se dispõe através do duplo silenciamento de dominação estrutural: o racismo e o machismo (SILVA; RAMALHO; LIMA, 2023). Para resistir a tais processos de desumanização, a mulher negra busca expressar sua própria voz, “recusando as distorções e os estereótipos impostos pelo olhar do branco” (SILVA; RAMALHO; LIMA, 2023, p.496). Remetendo ao conceito do lugar de fala de Ribeiro (2017), associado ao quadro da literatura brasileira é possível destacar:

Revista de Letras Norte@mentos

159

Dossiê Temático “Acolhimento, discussão e combate do sofrimento psíquico de mulheres em textos narrativos e poéticos das literaturas africanas de língua portuguesa e nas literaturas afro-diaspóricas”, Sinop, v. 17, n. 48, p. 149-164, jun. 2024.

Assumir o lugar de fala a partir da literatura implica assumir a ótica daquela que escreve em enfrentamento às opressões que sofre cotidianamente—o racismo e o machismo—trazendo à tona temáticas que centralizam a figura da mulher negra não apenas como a vítima ou “objeto”, mas como aquela que cria, que se move, que luta por si e pelos seus, assumindo uma postura de protagonismo nas lutas sociais (SILVA; RAMALHO; LIMA, 2023, p. 497),

A escrita de Conceição Evaristo busca superar a representação literária da mulher negra estigmatizada de “passado escravo, de corpo-procriação/ ou corpo-objeto de prazer” (EVARISTO, 2020b, p. 220). De modo dominante, as personagens negras retratadas em obras clássicas da literatura brasileira demonstram como a arte reforçou estereótipos para “consolidar o projeto civilizatório ocidental, baseado numa suposta inferioridade e animalidade dos afrodescendentes” (OLIVEIRA, 2020, s/p). Dessa forma, a escritora denuncia o vazio literário brasileiro sobre a mulher negra desenhada e humanizada pela via da maternidade (EVARISTO, 2020b). Sobre isto, Evaristo comenta:

É preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo (EVARISTO, 2020b, p. 221).

Então, o discurso literário estereotipado é contestado na produção ficcional com a autoria de mulheres negras e, neste processo, elas deixam de ser “objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita” (PALMEIRA, 2009, p. 111). Por meio da perspectiva de ser mulher negra na sociedade brasileira, as escritoras afro-brasileiras contribuem para denunciar questões relacionadas à etnia e gênero e “revela elementos apagados e/ou desprivilegiados pela escrita falocêntrica e branca” (PALMEIRA, 2009, p.112). A superação dos estigmas associados às mulheres negras na literatura brasileira conservadora resulta na luta contra as várias formas de silenciamento enfrentadas pela comunidade negra, seja pelas páginas da história oficial ou através da escrita ficcional (EVARISTO, 2020b).

Assim, o lugar da escrita de mulheres negras é direito, é trazer elementos que contribuem para a valorização da cultura afro-brasileira, como a oralidade, é superar estigmas, é escrever o cotidiano como forma de denúncia às desigualdades sociais; é via para recuperar as histórias negras silenciadas na sociedade através do trabalho literário.

Considerações finais

A memória cultural afro-brasileira marca e fundamenta as histórias de Conceição Evaristo. A partir de sua escrita literária – concebida, também, enquanto ato político de enfrentamento aos processos coloniais – a escritora representa as inúmeras vozes de mulheres negras no mundo intelectual contemporâneo ao expor, através de experiências desenhadas do cotidiano, denunciando as marcas estruturais da sociedade brasileira caracterizada por seu passado escravocrata. Conceição Evaristo e Maria Carolina de Jesus ilustram como a escrita literária pode ser uma estratégia de enfrentamento ao sofrimento de mulheres negras na sociedade brasileira, através da criação intelectual de suas escritas, ao contar suas histórias, serem a voz de seus protagonismos, ao afirmar com orgulho a dignidade de suas identidades étnicas.

Em sua obra, as personagens femininas se destacam pelo culto à tradição ancestral e a valorização da maternidade. O conto “*Olhos d’água*”, como vimos, incorpora o tema da identidade negra como a busca afirmativa de ser e estar no mundo, um processo de “resgate à sua história” que só pode ser compreendido na teia familiar (a relação entre filhas, mães e tias). Assim, ao evocar as memórias de infância - para recordar a cor dos olhos de sua mãe - a narradora faz o movimento de ida e vinda; entre lembranças e esquecimentos.

Entre histórias silenciadas e o sentimento de *não lugar*, Conceição Evaristo apresenta – por meio da palavra - caminhos de esperança. São lugares peculiares, quilombos, sinais de africanidade na cultura brasileira apresentadas, na história, por intermédio das referências às narrativas afrodescendentes. Nesse sentido, o conto “*Olhos d’água*” contém diversos elementos apreendidos da cultura afro-brasileira, como: o título; o processo de autorreconhecimento das personagens femininas

orientadas pela tradição iorubá; na descrição da mãe em alusão à divindade feminina Oxúm; na brincadeira olhos nos olhos cuja relação remete ao espelho de Oxúm.

A memória das tradições afro-brasileiras se apoia na oralidade. Por meio do discurso oral, os mitos africanos foram conservados, traduzidos e reinterpretados em nosso país. Esses pilares – importantes elementos da cultura afro-brasileira – são vias interpretativas para a escrita de Conceição Evaristo. Por fim, os registros literários da autora também retratam a história da mulher negra brasileira. Ao fazermos uma alusão ao conto, são mães, são aquelas que fazem brotar flores ao redor do barraco... Donas de si, reinventam a vida diariamente em busca de novos modos de resistir e sobreviver.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BONVINI, Emilio. Tradição oral afro-brasileira: as razões de uma vitalidade. *Projeto História*, São Paulo, 2001.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. Companhia das Letras, São Paulo: 1995.

CAMPOS, Luanda. África e a tradição oral: Contribuições teórico-metodológicas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica. *Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros*, São Luís, v. 06, n. 14, p. 46-59, jan/jun, 2023.

CAREGNATO, Rita; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 15(4): 679-84, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *A marca da oralidade*. Instituto de Arte Tear, 2018. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dio1yFp2Tvg>. Acesso em: 1 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo Escrevivência*. Leituras Brasileiras, 2020a. 1 vídeo (23 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=87s>. Acesso em: 1 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020b.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Costância; NUNES, Isabella. *Escrivivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020c.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2020d. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbe3gxU97B8&t=180s>. Acesso em: 1 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. São Paulo: Gráfica Santa Maria, 2021b

EVARISTO, Conceição. *Confluências Africanas e Afro-brasileiras - Aula Magna com Conceição Evaristo*. Uniperiferias, 2022a. 1 vídeo (2 horas e 19min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZQ7dOHwVZw&t=2656s>. Acesso em: 1 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Negritude Atitude*. Centro Cultural Vale Maranhão, 2022b. 1 vídeo (25 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TXgWm4qpK98>. Acesso em: 1 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Escrivivência*. Leituras Brasileiras, 2020a. 1 vídeo (23 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 1 nov. 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *Metodologia e história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

GOMES, Heloísa. Prefácio: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. São Paulo: Gráfica Santa Maria, 2021.

GOMES, Gustavo Manuel da Silva. *A cultura afro-brasileira como discursividade: histórias e poderes de um conceito*. Dissertação. Mestrado em História Social da Cultura Regional – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, Recife, 2013.

LOPES, Elisângela. *A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lobes>. Acesso em: 1 de nov. 2023.

MANDARINO, Ana; GOMBERG, Estélio. Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências. *Textos de História*, vol. 17, nº 1, 2009.

MASSOLA, Gustavo; SVARTMAN, Bernardo. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, p. 293-305, 2018.

MENDES, Talita; FREITAS, Karine. Entre Olhos d'água e Insubmissas lágrimas de mulheres: múltiplas representações femininas na literatura negro-brasileira de Conceição Evaristo. *Revista Letras Norsteamentos*, Sinop, v.16, n.44, p.65-90, jul. 2023.

MORTADA, Samir. Tempo e resistência: Ecléa e o método em psicologia social. *Psicologia USP*, 2022.

NETO, João. Pensar-viver-água em Oxum para (re)encantar o mundo. *Revista Calundu* –Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020.

NUNES, Isabella. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Costância; NUNES, Isabella. *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OLIVEIRA, Islene. *Fértil literatura*. Ocupação, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/maternidade>. Acesso: 1 nov. 2023.

PALMEIRA, Francineide. Narrativas afro-brasileiras: Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, Diário de Bitita, de Maria Carolina de Jesus, e Becos da Memória, de Conceição Evaristo. *A Cor das Letras* —UEFS, n. 10, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

SÁ, Celso Pereira. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), p. 290-295, 2007.

SILVA, Marcelo; RAMALHO, Daniel; LIMA, Margarida. Resgate da memória e da ancestralidade feminina negra “*Olhos d'água*” de Conceição Evaristo. *Revista Letras Norsteamentos*, Sinop, v.16, n.44, p.493-513, jul.2023.

SOUSA, Rayron; FREITAS Risoleta. A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em Olhos d'água. *Criação e Crítica* nº 29, p. 198-217, 2018.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 15/05/2024